

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO INFANTIL

GISELI MOEHLECKE

O QUE PODE A ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL?

Orientador: Prof. Ms. Paulo Sérgio Fochi

São Leopoldo

GISELI MOEHLECKE

O QUE PODE A ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL?

Trabalho de conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação Infantil, pelo Curso de Especialização em Educação Infantil da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Orientador: Prof. Ms. Paulo Sérgio Fochi

São Leopoldo, outubro de 2014

GISELI MOEHLECKE

O QUE PODE A ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL?

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Educação Infantil pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação Infantil.

Aprovado em _____

OS AGRADECIMENTOS

A comunidade da Escola Municipal de Educação Infantil Aldo Pohlmann, com a qual convivi durante dez anos e pude partilhar de minhas inquietações teórico-práticas.

Às crianças que com sua alegria, curiosidade e ternura me incentivaram a querer compreendê-las sempre mais.

As minhas amadas coordenadoras Luciane Frosi Piva e Daniela Grasel Urbano que com muito carinho leram e discutiram a minha pesquisa, como estudiosas que são, mas acima de tudo, demonstraram-se leais fortalecendo nossa amizade.

A minha amigona Gilmara que muitas vezes foi meu refúgio durante os momentos de inquietação e dúvidas, acerca das discussões do curso. Que o nosso carinho e amizade construídos no decorrer do caminho perdure e solidifique sempre.

À Marita Redim, professora e artista, que é fonte de inspiração na minha trajetória como professora, educadora e gestora escolar.

Ao meu professor, amigo e orientador Paulo Fochi, pelas suas sugestões, seus questionamentos, seu incentivo e críticas durante toda a pesquisa. Mas principalmente, pela sua defesa constante em favor das nossas crianças.

A minha família pela tolerância e compreensão dos momentos que estive ausente, dedicando-me ao estudo, e percebendo o quão era significativo para mim.

A todos vocês, o meu muito obrigada!

verdades cotidiano interação
ideias infância
brincar imaginação
espaço autonomia assemblage
criança invenção
coleção arte pedagogia
tempo cultura produção
processo artistas materiais
estética criativa estrutura currículo
linguagens experiência
adulto subjetividade cuidado ações
oportunidades prazerosa ludicidade respeito

RESUMO

Este estudo reflete sobre o seguinte questionamento: “*O QUE PODE A ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL?*”. Nela ressalto parte da minha trajetória pessoal e relato algumas das experiências artísticas que pude presenciar observando as crianças da Escola Municipal de Educação Infantil Aldo Pohlmann, localizada no município de Novo Hamburgo.

A pesquisa propôs a reflexão sobre um conceito pouco conhecido – a Assemblagem – que se refere a “estética da acumulação”. Sendo esta, fruto da atividade de construção da criança. Aborda ainda, aspectos importantes sobre a criação artísticas das crianças e dos adultos, salientando a relevância dos materiais, das experiências, das sensações, dos lugares e a convivência nos processos de criação.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Infantil. Assemblage. Arte. Materiais. Crianças.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1.UM POUCO DE MIM.....	09
2.APROXIMAÇÕES COM AS EXPERIÊNCIAS ARTÍSTICAS.....	17
3. COMO VAI A ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL?.....	21
4. ESCOLHI A ASSEMBLAGE.....	29
4.1 POR QUE A ASSEMBLAGE?	38
5. ASSEMBLAGE E SUAS POSSIBILIDADES: FANTASIA, IMAGINAÇÃO, INVENSÃO E CRIATIVIDADE.....	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS.....	49

INTRODUÇÃO

Faço uso da poesia de Manoel de Barros para transmitir em poucas, mas profundas palavras que esta pesquisa propõe-se. Pois o poeta faz uso das suas lembranças de infância para falar da criança que perpetua no seu “Eu”.

Agente descobre que o tamanho das coisas há de ser medido pela intimidade que temos com as coisas. Há de ser como acontece com o amor. Assim, as pedrinhas do nosso quintal são sempre maiores do que as outras pedras do mundo. Justo pelo motivo da intimidade. (BARROS,2003)

Adentrar nestes universos, tanto da arte como das crianças não é fácil. É preciso acreditar na capacidade das crianças como protagonistas de suas histórias, produtoras de culturas, sensíveis, observadoras, autônomas, criativas e com muita capacidade de transformar situações do seu dia a dia. Compreendo que, a arte e as crianças podem representar múltiplas linguagens e infinitas possibilidades, através de seus fazeres, processos e experiências.

No primeiro capítulo será apresentada minha história de vida, situações significativas que me aproximaram do ser criança influenciando a profissional que hoje sou.

No segundo capítulo será abordado minhas aproximações com as experiências artísticas, momento significativo na minha história de vida, que certamente possibilitou grandes aprendizagens tanto para mim como para as crianças com as quais convivi.

No terceiro capítulo faço algumas reflexões acerca do seguinte questionamento: “*COMO VAI A ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL?*”, pois acredito no potencial de criação das crianças, bem como, dos profissionais que trabalham com estas crianças.

No quarto capítulo falo sobre o conceito de *ASSEMBLAGE*, além de apresentar alguns artistas que utilizam a estética da acumulação nas suas composições artísticas, apresentando imagens das obras de arte. Além disso, faço a análise dos materiais utilizados durante os processos criativos.

No quinto capítulo reflito sobre a arte, discutindo a *assemblage* através dos conceitos de Bruno Munari sobre *fantasia, invenção, criatividade e imaginação*.

Nas considerações finais apresento as reflexões construídas no decorrer da pesquisa.

1.UM POUCO DE MIM

Recordando as minhas imagens de infância, lembro de momentos em que eu e meus amigos subíamos em um pé de goiabeira e ficávamos horas conversando, brincando, trocando olhares e namorando. Contudo, sinto um corpo emotivo, que possui lembranças e cicatrizes daquele tempo vivido intensamente. Acredito que são essas as narrativas que me constituíram como pessoa, como ser humano, como profissional da Educação. Principalmente, pela alegria de ter vivenciado uma infância com todo o seu encantamento, explorando a natureza, as brincadeiras, as relações e tudo o que cerceia o universo infantil.

As brincadeiras eram das mais variadas, fazíamos casinha em chiqueiro, comidinha em fogão de tijolo, tudo o que encontrávamos poderia servir de elemento para a criação. Talvez, tenham sido essas lembranças, que inspiraram minha prática pedagógica, pois tenho a preocupação de ter um espaço adequado para as crianças onde seja possível o contato com os animais, com a terra, com a horta, com as árvores – de preferência que se possa subir nelas –, com as flores, enfim, um local que permita as crianças explorarem brincadeiras com pedras, com areia, com barro, e muito mais. Isso proporciona momentos de liberdade nos quais a criança pode produzir cultura, aprendizagem, conhecimento, experiência através do corpo e não só através da palavra. Acredito que devemos lutar para que todas as crianças possam ter direito ao brincar e que os adultos percebam essa importância. A liberdade precisa ser proporcionada para o limite ser reconhecido e compreendido pela criança, o movimento de escuta, do reconhecimento da criança competente, que produz cultura. A escola de Educação Infantil precisa avançar, propondo práticas de experiências intencionais, bem como, nas possibilidades de documentá-las e torná-las visíveis.

Iniciei minha vida escolar aos seis anos, quando frequentei a pré-escola, período do qual não tenho muitas recordações, a não ser uma fotografia. Lembro que no primeiro ano demorei a iniciar o processo da leitura e escrita. A professora desse ano era muito carinhosa. Lembro que seus cabelos eram pretos e ela tinha um rosto lindo. Brincava muito com as crianças e, repentinamente, foi afastada da nossa turma ou transferida sem muita explicação por parte da escola. O sentimento de perda das crianças foi intenso.

Cursei o Ensino Médio em uma escola estadual, e quando alcancei o terceiro ano, chegou o momento da escolha, do caminho a ser seguido. Muitos colegas começavam a trabalhar e poucos continuavam a estudar. Eu decidi continuar a estudar e optei pelo Magistério porque gostava de crianças e gostava muito de pintura, bordado e outras atividades de *inventação*, como diria minha mãe, todas ligadas à Arte. O gosto por fazer algo diferente e desafiador me incentivou a cursar o Magistério, em uma escola particular. Tínhamos muitas teorias estudadas e com muita vontade de colocar em prática. Pensávamos que o bom professor era aquele que criava o melhor planejamento para seus “alunos” termo este que entendo hoje como criança capaz, produtora de cultura e conhecimento. Mas a profissão me encantou e incentivou, a saber mais, sobre as crianças.

Casei aos 19 anos e junto fazia o estágio do Magistério. No ano de 1985, comecei a trabalhar como professora da Rede Municipal de Ensino de Novo Hamburgo. Aquele foi um tempo muito bom em Novo Hamburgo, com as ideias revolucionárias do professor Ernest Sarlet. Depois disso, iniciei o curso de Pedagogia na FEEVALE mas, logo o troquei pelo curso de Nutrição da UNISINOS, pois me intrigavam muitos aspectos sobre a alimentação na escola e na minha vida.

Durante a minha trajetória na educação, realizei algumas especializações, pois senti necessidade de melhorar a minha qualificação profissional. Assim, fiz especialização em Psicopedagogia, pelas Faculdades Integradas de Ampara, Gestão Escolar, pela Universidade Castelo Branco e, também, Inclusão Escolar, pela Feevale.

Atuei sempre como professora da Rede Municipal de Ensino de Novo Hamburgo, mas no ano de 2004 fui convidada a assumir a direção de uma Escola Municipal de Educação Infantil. A partir desse momento, muitas inquietações surgiram: em relação à concepção de infância, à imagem de criança, ao Projeto Político Pedagógico pensado para as crianças, à escola como espaço de bem estar da criança, enfim, da escola enquanto lugar da infância.

Fui compreendendo que pensar os tempos, os espaços e os materiais são discussões permanentes na Escola de Educação Infantil. Também percebi a importância da qualificação do profissional que atua na escola de Educação Infantil, pois esta possui suas especificidades e particularidades, sendo imprescindível a esse profissional respeitar concepções e fundamentos em que a instituição acredita.

Então, surgiu a especialização em Educação Infantil e, sem hesitar, decidi que estava na hora de estudar um pouco mais. E aqui me encontro com muitas dúvidas. Gerir e fazer parte da equipe diretiva de uma escola de Educação Infantil, exige estudo, conhecimento e a crença em novas possibilidades. Também exige que todos os profissionais que ali trabalham sejam instigados a criar juntos um ambiente agradável nas relações e em todos os espaços, acreditando, além de tudo, que as crianças pequenas merecem e precisam ser valorizadas, bem atendidas e desafiadas em seus potenciais. Como afirma Barbosa (2009, p.87):

Os seres humanos, grandes ou pequenos, necessitam de um ambiente acolhedor, tranquilo, belo, alegre e promotor do prazer de viver em comunidade. A gestão da Escola da Infância cumpre importante função ao priorizar o bem estar para todos como modo de garantir às crianças e adultos uma experiência de vida sustentável.

Re-pensar é uma palavra com tanto significado, que podemos entendê-la como rever, reavaliar, retroalimentar. A partir dessa ideia, faço um breve relato da experiência que possuo na EMEI Aldo Pohlmann, escola que priorizou a dimensão estética nos projetos educativos. Projetamos ações educacionais que poderiam estar integradas com a natureza, com o ambiente e o universo. Re-pensamos diversas práticas em relação aos tempos da nossa escola, os espaços foram projetados e organizados para atender de forma integral as crianças pequenas, respeitando suas especificidades. As salas de referência eram e são, espaços circunscritos de modo a promover a aprendizagem, a imaginação, a criação e a autonomia através do brincar. O espaço de acolhida continha as obras realizadas pelas crianças tornando-o um ambiente alegre e cultural. Já o pátio foi pensando como um elemento pedagógico importante para a aprendizagem, existindo uma diversidade de espaços coletivos externos, que visavam a troca e o exercício da cooperação.



A Educação Infantil, segundo Barbosa, é um espaço educacional no qual adultos e todos os profissionais envolvidos com este espaço, devem se sentir comprometidos, com uma iniciativa coletiva, pensada e realizada com intencionalidade educacional e, sendo assim, voltada para atender as necessidades das crianças, oferecendo experiências significativas que estejam ao seu alcance. As crianças pequenas são também autores dessa organização porque reagem às provocações sociais e físicas desse espaço, aceitando, rejeitando, transgredindo e propondo transformações, ao seu modo, no processo organizacional. Barbosa afirma que a *atenção estética* deve ser *“entendida e vivida como lente de interpretação do mundo – diz respeito ao encontro entre imaginação e razão e o acordo entre elas pode ser concebido como fundamento da integração entre corpo e mente, entre sensível e inteligível”* (2009, p.74).

Penso que os seres humanos, grandes ou pequenos, necessitam de um ambiente acolhedor, tranquilo, belo, alegre e fomentador do prazer de viver em comunidade. A Escola Infantil ao priorizar o bem estar para todos garante as crianças uma experiência de vida sustentável.

A resolução CEB n.1/99 – diz a respeito dos princípios estéticos da sensibilidade, da ludicidade e da diversidade de manifestações artísticas e culturais

As crianças pequenas e suas famílias devem encontrar nos centros de educação infantil, um ambiente físico e humano, através de estruturas e funcionamento adequados, que propiciem experiências e situações planejadas intencionalmente, de modo a democratizar o acesso de todos aos bens culturais e educacionais, que proporcionam uma qualidade de vida mais justa, equânime e feliz. As situações planejadas intencionalmente devem prever momentos de atividades espontâneas e outras dirigidas, com objetivos claros, que aconteçam num ambiente iluminado pelos princípios éticos, políticos e estéticos das propostas pedagógicas. (Parecer CEB,22/ 98, p.10)

Para isso, acredito que a escola deve ser pensada como um tempo e um lugar divertido, de reflexão, de investigação e de aprendizagem. Um lugar que estimule a satisfação pessoal e a alegria de estar junto convidando à familiaridade e ao diálogo. Para tanto, torna-se importante a disponibilidade adulta para a escuta das crianças atento a cada detalhe, inovando, desafiando e legitimando a presença da beleza no cotidiano. Portanto, deve-se, oportunizar experiências estéticas que promovam a agregação do sentir e do pensar, da imaginação e da percepção, de todos os envolvidos com um projeto de Educação Infantil comprometido com a valorização das produções culturais que definem a existência em sociedade.

Diante disso, muitas inquietações surgem sobre as crianças. E pensando sobre as aprendizagens das crianças proponho-me a pesquisar e falar sobre *“Como vai a Arte na Educação Infantil?”*, e *“O que é assemblage?”*; bem como, *“Por que assemblage?”* como escolha de pesquisa. Enfim, muita vontade para pesquisar e entender sobre as crianças e suas interações através de experiências artísticas.

Apresento a seguir algumas imagens que apresentam um trabalho realizado com crianças de três anos. Nesse, a professora utiliza o recurso tecnológico e explora as formas que surgem através das imagens projetadas. As crianças criam as suas imagens, recortando folhas, observando e reproduzindo as marcas das sombras. A liberdade e a maneira como elas realizam a proposta demonstram que neste contexto ocorrem as aprendizagens.









2. APROXIMAÇÕES COM AS EXPERIÊNCIAS ARTÍSTICAS

Em nossas vidas temos grandes mudanças e, na minha, uma delas foi a oportunidade de entrar no universo da Educação Infantil. Em 2004, recebi o convite para estar na direção de uma escola de Educação Infantil, aceitei e muitas inquietações fizeram parte dessa nova etapa. Percebi que a escola necessitava de muitas mudanças, tanto pedagógicas, como estruturais.

Nas práticas pedagógicas da escola, já existia um trabalho de artes que se chamava “oficinas nas turmas”. A professora de projetos entrava na turma e realizava um trabalho de releitura com artistas, de criação a partir de alguns repertórios que julgava serem importantes. A escola possuía uma prática que enriquecia as aprendizagens das crianças proporcionando experiências artísticas. Convidava artistas locais, para então, produzir algumas obras com as crianças e também realizava visitas a museus, casas culturais e ateliê de artistas. A arte era vista como um pilar de sustentação do trabalho pedagógico da escola e estava presente nas aprendizagens construídas pelas crianças. A maneira de ver a criança era diferente. O professor direcionava as atividades e as crianças participavam apreciando as obras de arte, para posteriores releituras realizadas através de pinturas, desenhos, colagens e modelagens. A escola possuía a prática de compartilhar os trabalhos realizados pelas crianças através de uma mostra dos trabalhos. As famílias podiam adquirir as obras das crianças por um determinado valor. Valor este destinado para a compra de diversos materiais para que as crianças continuassem a produzir e a experimentar muitas possibilidades artísticas. A primeira mostra foi realizada na escola e a segunda em um espaço cultural da cidade. Nesse momento era possível apreciar os trabalhos realizados pelas turmas, além de contribuir significativamente para a aproximação da comunidade com a escola.

Realizamos momentos de estudos e discussões sobre o fazer das crianças ao longo destas experiências vividas, dessa maneira o trabalho pedagógico foi sendo reestruturado com novos olhares. O processo de criação passou a ser o mais importante e o momento de criação se transformou em experimentação: o produto final ficou com “jeito” de criança. O adulto assumiu o lugar de observador mediando as situações de aprendizagem, e a criança passou a ocupar o lugar de protagonista nesse processo. A partir desse protagonismo, surgiu a ideia de realizar junto com as

crianças o leilão. Momento único que as crianças e a comunidade apreciavam as obras e podiam adquiri-las através de um lance mínimo determinado pelo grupo de pessoas que participavam do leilão. As professoras tinham a oportunidade de contar como foi o processo de produção da obra através da fala e registros de vídeo e fotos. O processo do trabalho era apresentado para a comunidade e as crianças participavam narrando aspectos que para elas foi significativo na realização da obra. Muita emoção e aprendizagens aconteciam neste momento. O leilão era reconhecido na escola como uma culminância do trabalho artístico da escola.

As novas diretrizes destacam a importância de compartilhar desde o início a organização de mostras culturais de artistas da comunidade e produções de desenhos, pinturas, fotografias e outras produções de crianças, garantindo assim experiências que: “possibilitem vivências éticas e estéticas com outras crianças e grupos culturais, que alarguem seus padrões de referência e de identidades no diálogo e conhecimento da diversidade.” (DCNEI, art.9º, inciso VII). Além disso, é importante que “promovam o relacionamento e a interação das crianças com diversificadas manifestações de música, artes plásticas e gráficas, cinema, fotografia, dança, teatro, poesia e literatura” (DCNEI, art.9º, inciso IX).

Na entrada da escola, fizemos uma galeria com as criações das crianças. Com isso tivemos a intenção de dar visibilidade ao trabalho feito, e também oportunizar que as próprias crianças apreciassem suas obras.

Adentrar em uma área iluminada, provida de cadeiras de espera ou conversa, além de plantas, fotos, quadros bem colocados nas paredes, proporciona uma sensação muito diferente daquela de um corredor escuro com um banco estreito, avisos de proibições e equipamentos amontoados, ou ainda, com painéis caindo, imagens estereotipadas. A área de entrada constitui uma declaração pública, por parte da creche, de seus valores e prioridades. (GOLDSHMIED; JACKSON)

A experiência da beleza, da sensibilidade e da alegria, nos torna capazes de uma percepção mais íntima e intensa com a realidade. Sendo possível prestar atenção aos detalhes que nos cercam, aproximando-nos daquilo que aparece nas entrelinhas do vivido. A beleza diz respeito aos saberes sensíveis que surgem das raízes corporais. Sons, cores, sabores, texturas, odores, toques, olhares nos colocam no mundo e são por nós incorporados como significados. Sentindo tudo

isso, o corpo se coloca em ação através das linguagens. Estas que surgem na experiência.

Segundo Barbosa, 1999, p.78, a escola deve favorecer experiências estéticas que promovam a *complexificação* do sentir e do pensar, da imaginação e da percepção, de todos os envolvidos com um projeto de Educação Infantil. Neste sentido, através do ambiente a criança poderá conhecer as diferentes linguagens artísticas, música, pintura, teatro etc. e observar o apreço que os adultos tem por tais manifestações, como se relacionam com os objetos da sensibilidade, como os incluem na vida e os valorizam. Isso tudo pode ser aprendido na experiência de “imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical.” (DCNEI, art.9º, inciso II)

Nas experiências o experimentar das crianças através de materiais que pudessem dar possibilidade de criação e também de experimentação. Holm (2007, p.3) afirma que “tocar e investigar é o único meio de compreender o mundo”. O experimentar e o brincar começaram a fazer parte das práticas na escola e as crianças tiveram a possibilidade de transgredirem as propostas apresentadas.

A escola começou a reestruturar seu Projeto Político Pedagógico colocando a criança como centro de todas as ações. E a mesma acreditava num currículo atravessado pela pluralidade social, ancorado na compreensão de que as verdades são provisórias e necessitam sempre de uma interrogação que coloque em movimento a ação educativa, pois “um projeto educacional não é apenas uma escolha entre um ou outro modelo de vida”. O processo educacional “[...] é uma decisão política acerca do futuro de uma sociedade.” (BRASIL, 2009, p.12). Pensamos em projetos educacionais que poderiam dar conta tanto das necessidades de segurança, proteção e pertencimento, quanto das de liberdade e autonomia, porque acreditamos que:

A função da educação infantil nas sociedades contemporâneas é a de possibilitar a vivência em comunidade, aprendendo a respeitar, a acolher e a celebrar a diversidade dos demais, a sair da percepção exclusiva do seu universo pessoal, assim como a ver o mundo a partir do olhar do outro e da compreensão de outros mundos sociais. (BRASIL, 2009, p.12)

Isso implica na “aprendizagem da cultura através de ações, experiências e práticas de convívio social que tenham solidez, constância e compromisso,

possibilitando à criança internalizar as formas cognitivas de pensar, agir e operar que sua comunidade construiu ao longo da história” (BRASIL, 2009, p. 12) através de narrativas das culturas, histórias coletivas que se encontram com as histórias pessoais, alargando horizontes e a participação democrática, aprendendo formas de nos relacionar e é isso que precisamos propor na escola de educação infantil, proporcionar às crianças o que existe de melhor, através de práticas embasadas em concepções que nos colocam a pensar, a rever, a reavaliar, a dialogar, a discutir para “tornar o mundo mais acolhedor” e isso significa que: “A situação de compartilhar a educação das crianças traz a necessidade social de um diálogo contínuo entre família, sociedade e escola.” (BRASIL, 2009, p.18) Ou seja, denomina-se colaboração entre as partes. Inserimos a escuta e a observação como elementos curriculares, assumindo uma posição de constante mudança e transformação frente ao conhecimento, dado que o sujeito é autor e co-construtor do conhecimento. Entendemos assim que *“as primeiras experiências das crianças na Educação Infantil são fundamentais para sua formação, pois se tornam, no corpo, o referencial “vivenciado” de concepções e práticas sociais”*. (BRASIL, 2009, p. 63)

Percebemos que a criação está presente no cotidiano da escola. O brincar e o imaginar está inserido na interação entre as crianças e os adultos. O projeto da escola preconiza mais que um espaço de ensinar e aprender, mas uma escola vista e pensada como espaço relacional das crianças. Lugar de liberdade para o imaginar e ao criar e que a invenção faça parte deste contexto.



3. COMO VAI A ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A Arte não tem limites e está no mundo e entre nós. Pinturas, esculturas, colagens, poesias, desenhos, várias maneiras de expressar emoções e *transvemos* o mundo, e assim entendermos a maneira como nos será apresentado. A Arte pode ser definida de várias formas, depende da maneira de como é vista e vivida. Na minha vida, a Arte pode ser compreendida a partir do poema de Manoel de Barros (2008,p.75) que diz assim

Arte não tem pensa:
O olho vê, a lembrança revê,
E a imaginação transvê.
É preciso transver o mundo.

Pintar, bordar, *mosaicar*, colar, misturar, modificar, acrescentar, transformar, inventar, enfim, criar! Criar do nada ou do tudo. Criar em pleno caos ou na tranquilidade. Pensando na minha infância, o criar é uma constante nas narrativas vividas. O brincar com amigos fazendo comidinhas com folhas de árvores, a água sendo aquecida em fogo de chão. O brincar acontecia transformando lugares e dando espaço ao criar. Foram horas organizando, limpando, buscando materiais, discutindo e inventando brincadeiras. O subir em árvore e passar horas conversando com amigos. O fazer bolo na casa da prima quebrando ovos na cabeça - como brincadeira. É possível perceber que esse contexto torna visível a criatividade, que se faz como projeto interativo relacional e social, a Arte deve estar presente na vida, assim como na criatividade.

Pensando em uma infância criadora Redin e Fochi (2014) afirmam que “*as crianças nascem em uma cultura, ou seja, o seu entorno social é marcado pelo tempo e pelo espaço que ocupam, assim como o são as formas como as crianças exploram, como se relacionam e como atribuem significados ao mundo.*” As primeiras experiências veem do âmbito familiar para então, se estender a outros espaços como as ruas, as praças, a cidade, e tantos outros. A escola, em especial a de Educação Infantil é o lugar de convívio e geradora de experiência das crianças. A criança usa as interações sociais como formas privilegiadas de acesso às informações. A interação gera experiência, sendo que a primeira condição para a experiência é essa somente acontece através da interação e no contato com o outro.

A Arte faz parte da vida da criança como instrumento de leitura do mundo e de si mesma. Nessa mesma ideia, a Ana Marie Holm, artista e educadora que desenvolveu oficinas de arte com as crianças de diferentes idades afirma que:

Quando se trabalha com a primeira infância, arte não é algo que ocorra isoladamente. Ela engloba: controle corporal, coordenação, equilíbrio, motricidade, sentir, ver, ouvir, pensar, falar, ter segurança. E ter confiança, para que a criança possa se movimentar e experimentar. É que ela retorne ao adulto, tenha contato e crie junto. O importante é ter um adulto por perto, co-participando e não controlando. (Holm,2007, p.12).

Com essa afirmação podemos pensar nos significados e nas implicações da presença da arte na Educação Infantil. Através das oficinas com as crianças, evidenciou-se uma visão de arte como um processo contínuo e fazendo parte do cotidiano primando a pesquisa – duvidar, fazer perguntas, buscar, experimentar, explorar materiais, ideias e possibilidades. Percebe-se a conquista da autoconfiança – fazer e aprender acreditando no seu potencial. E também ter coragem de ir até aonde não se conhece. O mistério se torna interessante. Holm destaca um aspecto importante para as aprendizagens das crianças:

As crianças deveriam aprender a pesquisar, a ter confiança em si mesmas e a ter coragem de se pôr a trabalhar em coisas novas. (...) Aprendendo que uma tarefa pode ter várias soluções, adquirimos força e coragem. As crianças adquirem isso na oficina de arte. Eu lhes apresento um desafio, que nunca tem uma resposta definida. (Holm,2004, p.84)

Na produção da arte, o campo do conhecimento com suas especificidades não se define pela norma; suas linguagens são territórios sem fronteiras. O fazer artístico integra o pesquisar, o imergir no desconhecido, a fim de ensaiar novos materiais e formas, experimentar diferentes elementos ainda não apropriados.

As formas, a linguagem, as brincadeiras, o corpo, os experimentos, os materiais, os lugares, as sensações e as convivências fazem parte de um todo no desenvolvimento artístico não podendo ser vivenciado de forma isolada.

Na educação, a Arte não pode acontecer em momentos e atividades isoladas. A educação deve estar implicada na totalidade do olhar, da escuta, do movimento, que se apresenta mobilizando todos os sentidos, essas ações devem ser compreendidas como *educação estética* que se realiza no cotidiano. A atelierista italiana, Vea Vecchi, diz que a dimensão estética de uma proposta educativa

“pressupõe um olhar que descobre, que admira e se emociona. É o contrário da indiferença, da negligência e do conformismo” (2006, p.16). Concordo que a Arte no universo infantil é essencial para ampliar o olhar da criança sobre o mundo, a natureza e a cultura, diversificando e enriquecendo suas experiências sensíveis - estéticas e vitais.

A escola deve garantir oportunidades para a expressão viva da criança. Holm reforça que *“o processo criativo não pode se desenvolver numa situação fechada. Quando se cria, é preciso fugir da necessidade de ser bem sucedido o tempo todo”* (2007, p.18). Por isso, cabe ao adulto valorizar essa etapa da educação, no sentido de enriquecer esse percurso de forma intencional, enriquecendo as experiências e promover encontros com diferentes linguagens, alimentando a imaginação mobilizando assim os sentidos.

Sendo assim, surge a necessidade de ampliação de repertórios, tanto de materiais, como de imagens, podendo dar a estas últimas significados e criar relações com o real, pois, dessa forma, o processo de criação da representação acontece. O desenho deve acontecer de maneira espontânea e sem a presença de estereótipos, pois *“de fato, o desenho, a pintura (e o uso de todas as linguagens) são experiências e exploração da vida, dos sentidos e de significados”*, sendo essencial que preservemos nas crianças o sentido do encantamento e da surpresa, *“pois a criatividade, assim como o conhecimento, é filha da surpresa”* (GANDIN, 2012, p.24-5)

Também é preciso levar em conta que a imaginação é a poderosa dimensão do pensamento que, ao sustentar o sentir, conseqüentemente sustenta o raciocínio e, por ambos, cria o sonho (RICHTER, 2012). Vemos isso ao ouvirmos ou observarmos uma criança contando sobre sua produção, demonstrando conseguir narrar seu fazer, enfim, nos constituímos por narrativas. Richter (2012, p. 60), afirma a importância de nessa fase se propor oportunidades que envolvam diferentes experiências expressivas, exploração e investigação de materiais que se engancham, bem como que marcam eles imprimem, pois é nesse momento da vida, e não em outro, que ocorrem todas as primeiras experiências que permitirão às crianças dialogarem com o mundo, com os outros e consigo mesmas. Esse diálogo só será possível se puderem compartilhar linguagens para articularem a experiência coletiva.

A Arte na educação infantil implica na totalidade do olhar, da escuta, do movimento, que se expressa mobilizando todos os sentidos.

A arte aprende-se fora da arte, o desenho não se aprende somente desenhando. Certamente há necessidade de aprendizagem de técnicas, porém se aprende tanto desenhando quanto fazendo outras coisas...e, por outro lado, a lógica se aprende também pelo desenho, projetando e construindo...A arte usa as roupas de todos os dias, não a roupa de domingo. (MALAGUZZI, 1999, p.149)

A Pedagoga Italiana nos traz uma ideia e um lugar de enxergarmos as coisas do mundo com um olhar diferente com grande potencial e possibilidades. O ateliê que traz a intensidade e a alegria do inesperado e do incomum para o processo de aprendizagem. Essa ideia sustenta uma mudança conceitual que vem de se enxergar a realidade cotidiana por uma lente poética. Sendo assim, um processo capaz de desorganizar a normalidade, o comum e dando a devida importância a aspectos da vida e do pensamento ampliando a parte cultural escolar e social.

Conforme Holm *“o desenvolvimento da criação artística é algo que não pode ser vivenciado de forma isolada. É um todo que envolve formas, linguagem, brincadeiras, corpo, experimentos, materiais, os lugares, as sensações, até mesmo a convivência.”* (2004,p.70).

Malaguzzi em seu poema descreve a ideia de criança “são feitas de cem” utilizando metáforas:

Ao contrário, as cem existem. A criança é feita de cem. A criança tem cem mãos. Cem pensamentos. Cem modos de pensar de jogar e de falar. Cem sempre cem modos de escutar as maravilhas de amar. Cem alegrias para cantar e compreender. Cem mundos para descobrir. Cem mundos para inventar. Cem mundos para sonhar. A criança tem cem linguagens (e depois cem cem cem) mas roubaram-lhe noventa e nove. A escola e a cultura lhe separaram a cabeça do corpo. Dizem-lhe: de pensar sem as mãos de fazer sem a cabeça de escutar e não falar de compreender sem alegrias de amar e maravilhar-se só na páscoa e no Natal. Dizem-lhe: de descobrir o mundo que já existe de cem roubaram-lhe noventa e nove. Dizem-lhe: que o jogo e o trabalho a realidade e a fantasia a ciência e a imaginação o céu e a terra a razão e o sonho são coisas que não estão juntas. Dizem-lhe que as cem não existem A criança diz: ao contrário, as cem existem.

Malaguzzi mostra uma ideia revolucionária sobre as crianças e sobre a Pedagogia. Ele afirma que *“as coisas relativas às crianças e para as crianças somente são aprendidas através das próprias crianças”*. Apresenta a Pedagogia por

meio da documentação pedagógica das experiências das crianças. Em seu poema, destaca também o papel da escola e da sociedade.

A ideia de ateliê para Loris Malaguzzi, surge com a intenção de gerar uma revolução no ensino e aprendizagem em escolas para crianças pequenas. Este espaço pode ser considerado como uma oficina de ideias para as crianças. As interações que acontecem entre tempo e espaço ocorrem por meio das rotinas da vida cotidiana. Muitas experiências se conectando com acontecimentos vividos permitindo que a criança estabeleça conexões para o futuro. Acredito que o ato de olhar profundamente e enxergar as coisas por um outro viés, tem o potencial de reestruturar e reformar nossas experiências de ensino e aprendizagem. Há a ideia de criança criativa, repleta de potencial, protagonista, com desejo e direito de tirar sentido da vida dentro de narrativas ricas e usando muitas linguagens.

A possibilidade do ateliê “derreter-se na escola” (MALAGUZZI, 1999, p.65) é possível porque pode fazer parte da vida cotidiana das crianças. O espaço é o lugar onde as crianças estão.

Malaguzzi em suas afirmações deixa claro o respeito da necessidade da criança “sentir-se inteira”. A criança aprende pela experiência, pisar na grama, observar as flores, subir em árvores, interagir com os colegas, brincar com animais, brincar com água e, como diz Malaguzzi a integração é a fusão de experiências diversas que resulta uma aprendizagem de muita qualidade.

[...] A criança aprende e compreende também pela arte; as habilidades de base e a criatividade se potencializam reciprocamente[...]A arte, isto é, a criatividade, a imaginação, não é muito lá em cima, está dentro da criança, em cada criança; é no seu modo de aprender. (MALAGUZZI, 1999, p.65)

Considerando que o encantamento transpassa a aprendizagem da criança, favorecendo assim infinitas possibilidades para o saber, para o viver, para o conviver e para o aprender. A criança quando encantada por algo, se desafia a avançar, a sonhar e assim se apropria de forma significativa de novos processos de aprendizagens. O encantar torna-se fundamental ao professor, precisando pensar situações que envolvam a criança de tal maneira que a encante. Por isso, a criação, parte do princípio que a criança como protagonista da construção do seu eu, da sua cidadania, das suas habilidades e dos seus desejos, necessitando estar encantada por aquilo que a interessa. Pensando a partir desta concepção, os processos

criativos visam criar situações nas quais a criança interaja de forma integral e se aproprie de todas as inúmeras linguagens que permeiam estes momentos.

Refletindo sobre a sensibilidade e o afeto na prática educativa, compreendemos o conhecimento, não como algo a ser dado, mas como algo a ser construído e sentido, capaz de tocar nosso ser profundamente.

Portanto, intuir, observar, relacionar são caminhos criativos que representam um modo dinâmico de conhecimento, em que o professor torna-se protagonista no diálogo entre a percepção e os significados que constrói na sala de aula e no modo como espaços, objetos e pessoas lhe falam e lhe afetam. É um conjunto de significados e intencionalidades do professor para com ele mesmo e para com os estudantes e vice-versa. Tal processo não é estanque ou passivo. É dialógico, uma vez que está inserido no meio cultural. Esta relação permite ao professor repensar e agir perante novas situações, muitas vezes inesperadas e imprevisíveis. Nesse caso, o ato de intuir a partir do que conhece e sente sobre objetos, fatos ou pessoas torna-o capaz de criar e construir novas possibilidades para novas situações. (PILLOTTO,2010, p.27)

Nesse sentido, ao falar em arte é preciso compreender as linguagens expressivas que permitem às crianças simbolizarem suas sensações e sentimentos por meio da transformação construtiva, que em si é o ato estético, pois é essencialmente lúdico e poético ao envolver o prazer da sensorialidade. Segundo Rangel (2012), é necessária a superação de um fazer superficial e limitado quanto às possibilidades cognitivas e poéticas da arte na Educação Infantil, sendo o educador desafiado a refletir, a imaginar outros modos de agir na intenção de promover situações significativas de aprendizagem para si e para as crianças.

Conforme o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998), ensinar Arte passa por três campos conceituais: *produção, fruição e reflexão*. A produção refere-se ao fazer artístico e ao conjunto de questões a ele relacionadas. A fruição refere-se à apreciação significativa de arte e do universo a ela relacionado. Tal ação contempla a fruição da produção das crianças e da produção histórico-social em sua diversidade. A reflexão refere-se à construção de conhecimento sobre o trabalho artístico pessoal, dos colegas e sobre a Arte como produto da História e da multiplicidade das culturas humanas.

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação infantil (2010), as propostas pedagógicas devem seguir três princípios. São eles: éticos, políticos e estéticos. Em relação ao princípio ético, a instituição de Educação Infantil

deve garantirá crianças expressar seus interesses, desejos e curiosidades ao participar das práticas educativas, valorizar suas produções individuais e coletivas, prezar pela autonomia de suas escolhas e brincadeiras, garantir cuidados pessoais diários, oportunizar experiências que ampliem seu conhecimento de mundo e de si próprio por diferentes culturas, além de enfatizar valores e atitudes de respeito e solidariedade na interação com os outros.

Quanto ao princípio político a escola possui um papel importantíssimo em nossa sociedade, pois ela é *“um lugar de ser, de sentir, um lugar de conhecer, um lugar de descobrir, um lugar de se encantar (...) um lugar de compartilhar (...) um tempo de nada e um tempo de tudo”*. (REDIN, 2002, p. 136 -137)

A criança aprende através da experiência, da experimentação e a escola de Educação Infantil é o lugar propício para isso. É lá que ela dará sentido à realidade que a cerca, entrará em contato com a diferença e a diversidade e encontrará um espaço seguro para a socialização e o brincar.

Ao refletirmos sobre o conceito de experiência, a definimos como sendo aquilo que vivenciamos e que nos marca de forma diferente por sermos ÚNICOS. Isso nos leva a inferir que cada criança pensa, olha, vê, sente, sorri, fala e aprende de um jeito único o que caracteriza a sua identidade, a sua individualidade.

Diante disso, nossas ações no espaço e tempo da Educação Infantil passam a ser pensadas a partir das possibilidades de aprendizagens e conhecimentos a partir do contexto social e histórico das crianças. Ou seja, a vivência de um passeio, um filme, uma poesia, uma história ou uma música, o brincar com água, pedras, gravetos, o curtir a praça e rolar na grama e na areia, o escavar, o plantar e se sujar, o preparo de um bolo, a degustação e o lambuzo, o pintar, o desenhar, o sentir, enfim, o experimentar, fazem parte do movimento da descoberta, do brincar espontâneo, que marcam e constituem o espaço e o tempo das crianças, além da sala de referência.

Enfim, são as muitas possibilidades vivenciadas acerca da Arte na infância, que vão favorecer para que a criança se constitua num todo, sendo ela própria protagonista na sua aprendizagem.



4. ESCOLHI A ASSEMBLAGE

Assemblage é um termo grego que foi trazido à Arte por Jean Philippe Arthur Dubuffet pintor francês, no ano de 1953. Dubuffet foi o primeiro teórico da arte bruta e autor de fortes críticas da cultura dominante, particularmente em seu ensaio *Asfixiante Cultura*.

Desde muito novo, demonstrou gosto pela Arte. Procurava inspiração em fontes alheias à tradição ocidental. Rejeitava a ideia de que a arte devesse ser esteticamente agradável ou, apenas, ilustrar a realidade visual. Seu estilo de desenho, deliberadamente seco, enfatizava um processo de criação lento e difícil. Desse modo, rejeitava a facilidade e a impulsividade dos pintores abstratos em favor de uma arte mais primitiva, crua e bruta.

Sua família era de produtores de vinho. Começou a pintar com oito anos de idade. Aos quinze anos, foi inscrito na escola de Belas Artes de sua cidade natal. A Arte batizada por ele pode ser definida como colagens de objetos e materiais tridimensionais. Ela é baseada no princípio de que todo e qualquer objeto pode ser incorporado à obra de arte, criando um novo conjunto, sem perder o seu sentido original: é a “estética da acumulação”. O trabalho artístico tem como objetivo romper as fronteiras entre a Arte e a vida cotidiana.

Paralelamente, na Europa do início do século XX, surgiu o Dadaísmo, movimento caracterizado por romper as formas de Arte tradicionais.

Esse conflito provocou um grande choque na consciência das pessoas em geral, dos artistas e intelectuais em particular, pela dimensão do horror visto nas trincheiras, como consequência do desenvolvimento de uma tecnologia criada para o extermínio. A aversão ao caos e o sentimento de fracasso diante da sociedade industrial, tida, então, como expressão da racionalidade humana, foram a mola propulsora para novas formas de arte. A arte *dada* que surge neste contexto, como uma crítica à sociedade da época e da própria arte em si, assume o caos como linguagem, ou antes, uma antilinguagem. Suas obras são desconexas, sem sentido, imprevisíveis, insensatas e absurdas, (ARGAN, 1992, p.353-360).

Dentre as diversas formas de arte que os artistas dadaístas utilizavam, uma delas era agregar objetos descartados na vida cotidiana e que com frequência adicionavam sobras de atividades industriais ou sucatas. Esses objetos mais tarde passaram a ser chamados de *assemblages*. As *assemblages* são construções feitas

a partir de apropriação, objetos que são incorporados a obra de arte, tirados da realidade original do seu uso, fazendo parte de uma nova realidade.

O termo assemblage, adotado no cotidiano da escola, vai além de nomear o objeto tridimensional realizado pelas crianças através de um, processo construtivo. Abrange a experimentação nas diversas situações em que as crianças vivenciam, experimentam com diferentes materiais, se apropriam do processo de criação.

O ready-made de Marcel Duchamp é uma forma radical da arte encontrada e que nomeia a principal estratégia do seu fazer artístico. Essa estratégia refere-se ao uso de objetos industrializados, modificando-os e transformando-os em Arte. Assim, se uma das características essenciais do dadaísmo é a antiarte, Duchamp foi um dadaísta por excelência.

A obra *A fonte* repercutiu o nome de Duchamp ao redor do mundo, pois fazia com que o público tivesse um novo olhar diante de objetos cotidianos. Já na assemblage, existe uma estética da acumulação, em que todo e qualquer tipo de material pode ser incorporado à obra de Arte. O trabalho visa romper as fronteiras entre a Arte e vida cotidiana.



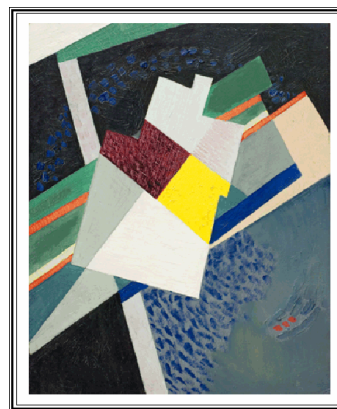
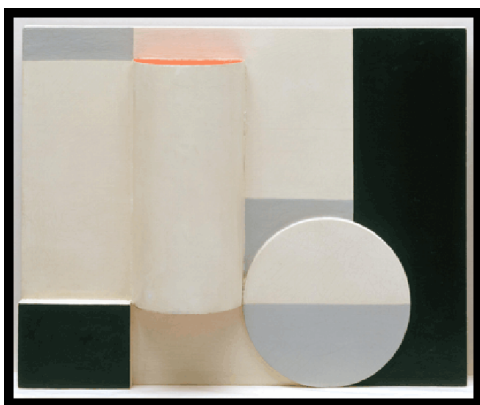
A fonte de Marcel Duchamp

Nesse mesmo sentido, podemos observar a obra de Merz (1919), intitulada para *Ernest*, de 1947, em que o artista faz uma colagem sobre a tela utilizando pluma, papel rendado e papel sobre papel, de tamanho 10,2 x 12 cm. Essa obra faz parte da coleção Kurt und Ernst Schwitteres Stiftuuuung, que está em Hannover.



Obra de Merz (1919), intitulada para *Ernest*, de 1947

Outra de suas obras é o *Quadro de Lâmpadas*, construída entre 1931 e 1932, em que foram utilizados, relevo, óleo e madeira sobre madeira, Coleção Kurt und Ernst Schwitters Stiftung, que está em Hannover.



Kurt Schwitters, nascido em Havoner em 1887, se define como um “artista total”. Sua complexa produção trata de um aspecto muito amplo de suportes e interesses. As suas obras realizadas por ele utilizam a exploração da colagem e da Assemblage. Aplicou suas teorias artísticas à prática da escultura, da arquitetura, da tipografia, da literatura, da dramaturgia, da encenação, da música, de forma que sua produção foi denominada “Merzart”.

Merz é o nome que Kurt Schwitters criou para designar um conceito de Arte que envolvesse todas as suas atividades. Criou assim, o Merz desenho, as Merz pinturas, Merz esculturas, as Merz publicações, sendo esse novo conceito baseado no princípio da colagem.

Quando falamos em assemblage, temos que destacar o trabalho de um dos grandes mestres da arte do século XX: Pablo Picasso. Ele foi um pintor, um escultor e um desenhista espanhol, tendo, também, dedicado a poesia. Utilizava todos os tipos de materiais em seus trabalhos.

Um exemplo de seu trabalho com a assemblage é a obra *Cabeça de Touro*, de 1942, que está exposta em Nova Iorque.



Outra de suas obras em assemblage é Still-Life Chair Caning, de 1912, que se encontra no Museu Picasso, em Nova Iorque.



Através dessas obras, vemos que é possível transformar objetos que possuem uma função já preestabelecida em pensamentos. Da mesma forma, os pensamentos podem mostrar as narrativas de cada um. Tudo pode ser transformado, modificado, entendido de outra maneira dependendo do olhar. Quando a imaginação se faz presente, aquela pequena lata com um barbante pode virar um carrinho, objetos e ingredientes como fios, arame, açúcar e xarope de chocolate podem virar uma representação da arte.

Vik Muniz, um artista plástico brasileiro, recriou a última ceia de Leonardo da Vinci com objetos que juntos ressignificam a obra, mas não perdem seu real significado. Este artista utiliza novas mídias e materiais inusitados como geleias, calda de chocolate, arames, fios de cabelo e diversos materiais recicláveis. São

objetos que possuem uma função específica e que agrupados representam a arte para esse artista.



O termo assemblage, adotado no cotidiano da escola, vai além de nomear o objeto tridimensional realizado pelas crianças através de um, processo construtivo. Abrange a experimentação nas diversas situações em que as crianças vivenciam, experimentam com diferentes materiais, se apropriam do processo de criação.

Pintar utilizando objetos como cintos que se transformam em rabos de tintas que rabiscam onde passam, desenhar no escuro imitando estar dentro de cavernas, realizar colagens com diversos materiais: caixas de tamanhos diversos, palitos, botões, lãs e outros materiais são situações em que a assemblage se faz presente na Educação Infantil.

Alimentar o universo imaginário infantil das crianças, provocando o desejo que faz mover a busca, implica tempo e espera. Não se dá instantaneamente. O tempo linear, que passa controlado pelo adulto, na rotina do trabalho educacional-pedagógico, em regra, não foi e nem está pensado e planejado para acolher a arte, que obedece à espécie de tempo-espera. É preciso tempo para deixar as coisas acontecerem. Sem isso, invariavelmente, haverá a imposição de ritmos, estabelecendo a força da determinação cronológica, limitando experiências (OSTETTO, 2006).

O uso de materiais inusitados em obras de arte surpreende e captura o olhar e pensamento. Convido a observar algumas obras realizadas pelas crianças:





“Quanto mais atenção tivermos em nossas escolhas sobre os materiais e o espaço, mais evidentes serão a seriedade e a beleza das investigações que as crianças fazem.”
(GANDINI, 2012, p.84)



*É por meio das interações entre a criança e o material que pode surgir um alfabeto.”
(GANDINI, 2012,p.28)*



4.1.PORQUE A ASSEMBLAGE?

As crianças em seus trabalhos pintam, recortam, desenham, modelam, reagrupam, classificam, ordenam, experimentam e exploram vários objetos de seu cotidiano. Essas ações podem ser entendidas como assemblagem. Os materiais incorporados a outro lugar passam a ter novos significados sem perder o seu sentido original.

Oferecer materiais não estruturados como cones de papelão, potes de vários tamanhos, restos de tecidos, pedaços pequenos de madeira materiais que permitissem às crianças criar relações; (RABITTI, 1999, p.67). As crianças escolhem materiais para contar coisas (RABITTI,1999, p.67). As pedrinhas se transformam em objetos de valor no imaginário infantil narrando suas vivencias. Os materiais não estruturados permitem as crianças a criar suas narrativas experimentando, explorando, criando significados e possibilitando a criação A criança precisa conhecer e se apropriar dos materiais para poder então interagir com os mesmos.

A riqueza e variedade do material é um aspecto determinante em um ambiente para as crianças. Os materiais transmitem uma variedade de sensações que influenciam nos processos criativos das crianças. Materiais como tecido podem transmitir a sensação de aconchego, maciez, tranquilidade. Materiais de durações diferentes como papéis, cerâmica, pedras, plantas. Materiais de texturas diferentes. A vida cotidiana materna da criança está repleta de materiais diversos.

Se por materiais queremos indicar tudo aquilo com o que se faz algo, que serve para produzir, para inventar, para construir, deveríamos falar de tudo o que nos rodeia, desde a água até a terra, das pedras aos animais, do corpo às palavras... Incluindo as plantas e as nuvens. E portanto, os vestidos, os brinquedos, os livros... Porque tudo isso pode ser material para construir, nas mãos de uma criança que vive em um ambiente onde inventar é lícito e bem mais desejável. O gesto, a vocalização, a marca. Um dia a criança se dá conta de que o movimento da mão deixa um sinal. Não é próprio do movimento deixar um sinal e por isso fica fascinado. TONUCCI, 2008.

Percebo que a oferta de materiais para as crianças vai muito além do que estamos acostumados a utilizar. Brinquedos prontos, industrializados, que tem uma intencionalidade, em que muitas vezes limitando a imaginação das crianças. As crianças possuem uma capacidade de criar, inventar muito mais com materiais que

por muitas vezes não possuem utilidade para nós, mas para elas se apropriam destes materiais e de suas características, na busca de conhecer e compreender o mundo.

Pensando na oferta de materiais para as crianças Holm diz que

a criança precisa manusear e manipular os objetos e assim descobrir possibilidades. Deve-se oferecer à criança a maior gama possível de materiais, para que ela possa então aprender a escolher. Essa capacidade de decidir e de fazer escolhas precisa ser desenvolvida. A motivação para experimentar existe. A criança procura novos métodos e seus próprios meios. (2004,p.58)

Penso que os materiais dizem muito sobre a imagem de criança que temos. Para Malaguzzi (RINALDI, 2006, p.156) a criança desde o nascimento é e se encontra em interação com o mundo e desejosa de experimentar esse mundo que cria estratégias de organizar um relacionamento com o mundo, são considerados como linguagens porque se comunicam entre si. Enfim, *“as diferentes linguagens são ações pelas quais as crianças conseguem construir seu conhecimento do mundo, dando sentido para suas experiências na medida em que constroem sua Subjetividade”*. As linguagens que uma criança se apropria decorrem de processos históricos e sua importância varia de acordo com as culturas. *“As linguagens, assim como as crianças, estão abertas à ação, portanto têm relação com a dimensão estética da sensibilidade, do gosto, da criação, da imaginação e da ética, isto é, dizem respeito ao direito à livre expressão, à liberdade de pensamento e ao respeito ao outro”* (BRASIL, 2009, 86).

Acredito que seja necessário fazer uma escolha criteriosa sobre a os materiais que devem ser adquiridos nas escolas de Educação Infantil. Nesse sentido, ressalto a afirmação de Giovana Piazza (2012, p.28) em entrevista realizada a Leila Gandini:

Quando as crianças usam suas mentes e mãos para agir sobre um material usando gestos e instrumentos e começam a adquirir habilidades, experiência, estratégias surgem estruturas dentro da criança, que podem ser consideradas como uma forma de alfabeto ou gramática. Esse alfabeto ou gramática, do uso de materiais, deve ser descoberto pelas crianças em parceria com adultos. É essencial que as crianças adquiram conhecimento de materiais, ganhem competência com eles e os usem em uma variedade de maneiras. Elas descobrem ou inventam diferentes modos de usar os materiais no processo de experimentação e observando outras crianças.

Os espaços e materiais devem ser organizados com uma intencionalidade pelo adulto, para que a criança possa aprender com os materiais dando possibilidades múltiplas de comunicar-se com seus pensamentos e sentimentos.

Acredito que a assemblage está presente no ateliê. E para Gandini o ateliê

“é formado por muitos elementos que são chamados materiais e cada um possui sua identidade, propósito e possibilidades. É um ambiente que parte da individualidade para criar um todo harmonioso. O local multissensorial que proporciona interações, entre mente, mãos, imaginação e sentidos. O conjunto de elementos são chamados de inventário e com linguagens disponíveis para a criação. As coleções são exemplos destes materiais como: conchinhas, pedras de vários tamanhos, fios, folhas, palitos, rolinhos, rolos de papelão, papéis e outros.” (2012, p.35)

Nas escolas de Educação Infantil a presença de inventário de materiais como se fossem um ateliê já se faz presente. As coleções como possibilidades de criação com materiais que produzem narrativas para as crianças. A liberdade de criar fazendo parte do seu cotidiano, projetos que podem ser pensados através do imaginário infantil.

Saliento a importância de como é apresentado o inventário de materiais e coleções para as crianças. Uma estante na altura das crianças com potes abertos, cestas e bandejas. Essas coleções, contendo flores, folhas, conchas, palitos, conchas, fios de arame, cones, matérias que permitem produzir enredos, que devem ser substituídos tempos em tempos, dependendo da proposta do trabalho. Esses materiais apresentados de maneira interessante e convidativa, passam uma sensação de complexidade, conexão e abertura.

Loris Malaguzzi (1998, p.46) disse que as crianças são os melhores avaliadores e os juizes mais sensíveis dos valores e da utilidade da criatividade, *“que as crianças analisam e mudam seus pontos de vista com facilidade, e que seus atos criativos advêm e são parte da vida cotidiana”*. E diz também, Malaguzzi, que *“o papel do adulto é ajudar a criança a escalar suas próprias montanhas, o mais alto possível.”* (1998, p.46)

Vejo que a assemblage vem com a proposta de ampliar as relações das crianças com o universo artístico-cultural e, com isso ampliar suas possibilidades de criação. Alimentar o universo imaginário das crianças, provocando o desejo que faz mover a busca, implica tempo de espera. Tempo de deixar as coisas acontecerem.

Não o tempo linear, controlado pelo adulto, mas o tempo da criança que permite pensar e fazer. A arte precisa deste tempo.

Cabe ao adulto criar um ambiente satisfatório para que as aprendizagens aconteçam. Para isso precisamos preparar espaços, materiais com uma intencionalidade transformando a vida cotidiana da escola em um lugar de manifestação viva da riqueza do potencial das crianças.



5. ASSEMBLAGE E SUAS POSSIBILIDADES: FANTASIA, IMAGINAÇÃO INVENÇÃO E CRIATIVIDADE

Começo este capítulo com a poesia de Eduardo Galeano na qual a criança necessita também do olhar do adulto para então perceber e estabelecer relações com as coisas do mundo.

“Diego não conhecia o mar. O pai levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para O sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando. Quando o menino e o pai alcançaram, enfim, aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava em frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto o seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai: - Me ajuda a olhar...”

O professor também precisa retroalimentar seus processos criativos. Segundo Ostetto, 2007, *“o professor precisa alimentar sua expressão e conectar-se com ela, precisa reconquistar seu poder imaginativo, se pretende e deseja garantir a criação, a expressão das crianças.”* As vivências do educador a respeito da arte, são essenciais para mediar os caminhos da criança no mundo simbólico da cultura, da arte.

As crianças produzem culturas, estabelecem relações, criam e observam. Estamos vivendo em um tempo em que tudo é muito rápido e os nossos dias transcorrem com um excesso de atividades que vem transformando as relações do dia a dia. A tecnologia está tomando um espaço enorme nas nossas vidas. A utilização de computadores, celulares, tablets coloca o mundo a nossa frente, mas ao mesmo tempo nos distancia do convívio direto com as pessoas. As crianças estão vivendo este fenômeno e muitas vezes, substituindo situações de experiências práticas, de descobertas que são tão importantes para a sua vida, e todo o processo criativo, que por vezes deixa de acontecer.

Munari (1981, p.9) diz que a fantasia está presente no imaginário infantil sendo o sentimento mais livre que existe. Ela é própria da pessoa e se dá com muita liberdade. Posso pensar o que quero e da maneira como quero. A criança possui um

poder de imaginação aguçado porque a fantasia se faz presente a todo o momento. A ampliação dos repertórios vivenciais e culturais das crianças deve ser um dos objetivos importantes a serem alcançados no trabalho com as crianças. O pensamento estabelece relações apenas com aquilo que conhece. É necessária autonomia para que a criança se torna criativa.

Na infância, o jogo realiza o papel da fantasia. Com o jogo a criança memoriza e amplia seu conhecimento. Permite a intervir, participar, fantasiar para resolver problemas simples, montar construções em espaço tridimensional utilizando blocos de construção. A fantasia está presente no imaginário infantil. As crianças criam suas fantasias sobre episódios simples do cotidiano e que muitas vezes, auxiliam-nas a compreenderem melhor os seus medos, suas angústias, suas dúvidas e inquietudes.

Gandini,(2012,p.66) ao relatar sobre sua proposta de ateliê reforça a importância das *“experiências das nossas vidas como professores com as vidas das crianças e acordar juntos no mundo de uma nova geografia .Sendo esta a geografia da imaginação”*, o território é definido por sensações sentidas dentro das crianças e impressões produzidas por cada encontro com os materiais. A paisagem reflete memórias essenciais e duradouras que as crianças levarão pela vida, de cores, da sensação das coisas, da aparência de algo; um espaço onde memórias são criadas profundamente dentro da criança, moldadas por meio de tudo que fazem ali”. Os espaços devem ser pensados também como desenvolvimento da criatividade seguidos de materiais de infinitas linguagens possibilitando o processo de criação para as crianças. *“O espaço do ateliê não é um lugar isolado onde as coisas artísticas acontecem. É um laboratório de pensamentos”*. (TOPAL e GANDINI,1999, p.24)

Malaguzzi (1999, p.63) diz que a “imaginação leva a ter imagens múltiplas” o que significa que um objeto pode ter uma pluralidade de significados. A imaginação sendo um valor único das atividades intelectuais transforma as situações do cotidiano infantil e tudo deve ser problematizado e não simplificado para os pequenos.

A imaginação absorve tudo, o cognitivo, o expressivo, o sentimento, a lembrança, as escolhas que nos pertencem...Temos que destruir a imagem simplificada de um objeto, temos que complicar o mundo. A imaginação é arte e ciência, pois multiplica os significados de um objeto, de um acontecimento, de uma palavra. (RABITI,1999, p.63)

Temos que ter cuidado com as imagens que disponibilizamos para as crianças. Como afirma Susana Vieira da Cunha(2005), “as imagens disponibilizadas nos espaços educativos são textos visuais, impregnados de significados que direcionam e educam o olhar, oferecem referenciais para o repertório imagético e o pensamento das crianças.” Precisamos contribuir com os processos expressivos proporcionando momentos de exploração e experimentação encorajando as crianças a imaginação.

A invenção segundo Munari (1981, p23) faz a utilização da fantasia, da liberdade mas com um objetivo de utilização e prática. O inventor não possui a preocupação estética, mas sim a funcionalidade da sua invenção. Inventar quer dizer também pensar algo que antes não existia. As crianças devem ser instigadas a pesquisar porque elas são protagonistas no seu processo de conhecimento, elas não apenas recebem informações, como também a produzem, sendo produtoras de cultura. Gandini (1999, p.193) afirma que “*o processo criativo deve ser reconhecido e legitimado pelos outros*”. A criatividade é um projeto interativo, relacional e social. A instituição escolar deve permitir existir, ser expressado e tornar visível este processo. O professor criativo também deve fazer parte deste processo.

Para Malaguzzi (2006,p.87) “*a criatividade não deveria ser considerada uma faculdade mental parada, mas uma característica do nosso modo de pensar*”, pois ela “*parece emergir de múltiplas experiências, juntamente com um desenvolvimento estimulado de recursos pessoais, incluindo um senso de liberdade para aventurar-se além do conhecimento*”. Ainda é importante destacar que a criatividade parece expressar-se por meio de processos cognitivos, afetivos e imaginativos, que se unem e que apoiam as habilidades para prever e chegar a soluções inesperadas. É essa criatividade que exige que a escola do saber encontre conexões com a escola da expressão, abrindo as portas (este é slogan da escola) para as cem linguagens das crianças.

No momento que acreditamos no potencial das crianças como protagonistas de suas próprias histórias, estaremos compactuando com a essência da filosofia de Reggio Emilia, conforme escreveu Loris Malaguzzi,

“É a imagem da criança que, desde o nascimento, se encontra tão engajada no desenvolvimento de um relacionamento com o mundo e tão desejosa de experimentar esse mundo que chega a criar um sistema complexo de habilidades, aprendendo estratégias e formas de organizar os relacionamentos.” (RINALDI,2006,p.56)

Acredito em uma criança capaz, como

“sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura.”

Cabe a nós professores proporcionar um ambiente formador, um espaço ideal para o desenvolvimento infantil que valorize todas os processos de aprendizagem das crianças. A gramática pedagógica do professor deverá ser baseada nas interações, relacionamentos uns com os outros, sua “cultura deverá ser ampla e transitar por muitos âmbitos do saber”, em fim, a pedagogia da escuta como diz Reggio Chilrem, (2014, p82) *“escuta como sensibilidade às estruturas que conectam, àquilo que nos conecta ao outro, (...) escuta, mas com todos os sentidos: visão, tato, audição, olfato, paladar, orientação.”* E destaco também a escuta como tempo: um tempo fora do tempo cronológico, um tempo cheio de silêncio, de longas pausas, um tempo interior. O professor, as crianças, as famílias e todos os responsáveis, ainda que em diferentes níveis são responsáveis pelo processo de aprendizagem.

Trago uma proposta de trabalho através da assemblage como produto de narrativas construídos pelas experiências com os materiais que interferem as conexões entre a percepção, fantasia, expressão, imaginação, criação e invenção produzindo culturas.

A Arte sendo reconhecida como um direito cotidiano como qualidade de vida e também como uma dimensão essencial do pensamento humano. *“A arte da vida diária e a criatividade deve ser direito de todos. Essa fazendo parte de nossas vidas, de nossos esforços para aprender a saber”.* (GANDINI,2012, p.193)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve a intenção de fazer uma pesquisa acerca dos seguintes questionamentos: **Como está a arte na Educação Infantil? O que é assemblage? E porque assemblage?**

A arte está no mundo como uma forma de ver e entender as coisas. Precisamos sensibilizar o olhar que por muitas vezes são atravessados por experiências que nos tocam, nos fazem sentir algo já vivenciado. Larrosa (2002, p.26) afirma que:

É experiência aquilo que “nos passa”, ou nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação.

Apreciar uma obra de arte com sentimento nos permite compreender “as coisas” do mundo. Nós adultos, precisamos alimentar nosso poder imaginário e criativo através das expressões artísticas, como a música, as artes cênicas, a dança, as artes plásticas e outras tantas formas de expressão.

A arte como expressão estética necessita de um olhar de sensibilidade que se traduz com as condições oferecidas pelos adultos na organização do espaço, do tempo e dos materiais que potencializam o processo criativo.

Holm diz que

“a criança fala o tempo todo, apresentando uma constante necessidade de se expressar. Ela manifesta através de movimentos, dança, pulos, rodopios, brincadeiras, canto, fala, desenhos, pintura e formas. Tudo está interligado. Existe prazer e vontade para tudo.” “Cada criança tem uma personalidade. Cada criança é um ser especial”. (2007, p.87)



Acredito que as crianças são plenamente capazes, críticas, ativas, competentes para “*construir a si mesma enquanto constrói o mundo e é, por sua vez construída por ele.*” (RINALDI, 2012, p.223) e por fim, produtora de cultura.

Trago a ideia da atelierista Veia Vecchi “*a escola como sistema vivo*” de muitas maneiras, ela revela as qualidades da vida cotidiana de crianças e adultos que conversam, pensam, refletem, escrevem, desenham, pintam e encontram prazer em estarem juntos. Acredito no potencial das crianças e de todos os adultos que trabalham na escola de Educação Infantil de maneira integrada potencializando suas aprendizagens em que o fazer criativo surge através de experiências vividas.

No momento em que o professor utiliza a assemblage, como linguagem, favorece as experiências estéticas que levam a complexificação do sentir e do pensar, da imaginação e da percepção, de todos os envolvidos com um projeto de Educação Infantil empenhados com a valorização das produções culturais que significam a existência em sociedade.

Desde muito cedo as crianças interagem e estabelecem relações com os outros. Nessa fase, a possibilidade de construir linguagens: a linguagem do olhar, a linguagem do gesto, a linguagem do toque, são aprendidas naturalmente.

Construir assemblage exige um trabalho com liberdade, mobilização interior, disposição de enfrentando do novo, competência, organização, capacidade de

observação e de interação com as crianças. Considero a assemblage como fruto da atividade de construção da criança. Sendo esta considerada como linguagem, permitindo a construção do conhecimento.

O conhecimento surge na estreita ligação da criação com o material. Material que possibilita a criação em que a criança experimenta e cria. Considero que a entrada do material criativo no espaço escolar, depende de uma proposta de trabalho sustentada por uma ideia de criança e projeto educativo permeado pelas diferentes linguagens que a arte traduz na prática.

Nós professores temos que criar contextos para as crianças, em que a curiosidade, as teorias e a pesquisa sejam legitimados e ouvidos, um espaço em que sintam-se confortáveis e confiantes, respeitadas nos seus processos e percursos cognitivos e existenciais.

Enfim, encerro minha pesquisa com muitas inquietações sobre as crianças e sobre a minha prática em relação a Arte e em específico ASSEMBLAGE.



REFERÊNCIAS

- AGAN, Giulio Carlo. **Arte moderna**. São Paulo: Companhia das letras, 1992. p. 709
- BARROS, Manoel. **Memórias Inventadas- a Infância**. São Paulo: Planeta,2008
- BRASIL, Ministério de Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC, 1998.
- BRASIL, Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Brasília,2010.
- CUNHA, S. R. V. **Pintando, bordando, rasgando, desenhando e melecando na educação infantil**. In: CUNHA, S. R. V. da (Org.). Cor, som e movimento. Porto Alegre: Mediação, 1999. p. 7-36.
- DUARTE JR. João Francisco. **O sentido dos sentidos**. Curitiba: Criar, 2001.
- GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**.5 ed. Porto Alegre:LP&M,1997
- GANDINI, Lella; HILL, Lynni; CADWELL, Lovise; SCHWALU, Charles. **O papel do ateliê na educação infantil: a inspiração de Reggio Emilia**. Editora Penso, 2012.
- GOLDSCHMIED, Elionor; JACKSON, Sonia. **Educação de 0 a 3 anos: o atendimento em creche**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- HOLM, A. M. **A energia criativa natural Pro-Posições**. Campinas, SP, v. 15, n. 1 (43), p. 83-95, jan./abr. 2004.
- HOLM, A. M. Baby - **Os primeiros passos com a arte**. São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo, 2007.
- OSTETTO, L. E. **“Mas as crianças gostam!” Ou sobre gostos e repertórios musicais**. In: OSTETTO, L. E.; LEITE, M. I. Arte, infância e formação de professores. Campinas: Papyrus, 2004 (p. 41-60).
- _____ **A arte no itinerário da formação de professores: acender coisas por dentro**. Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v. 14, n. 1, p. 29-43, jan./jun, 2006.
- _____ **Entre a prosa e a poesia: fazeres, saberes e conhecimento na educação infantil**. In: Pillotto
- PILLOTTO, Sílvia. MEIRA, Marly. **Arte, Afeto e Educação**. Porto Alegre: Ed. Mediação, 2010.
- RABITTI, Giordana. **À Procura da Dimensão Perdida: Uma Escola de Infância de Reggio Emilia**. POA ARTMED 2002

RANGEL, Suzana Vieira da Cunha (org). **As artes no Universo Infantil**. Porto alegre: Ed. Mediação, 2012.

REDIN; Fernanda, MULLER; REDIN, Marita M.(orgs.). **Infâncias: cidades e escolas**.

RICHTER, S. **Manchando e narrando: o prazer visual de jogar com cores**. In: CUNHA, S. R. V. da (Org.). Cor, som e movimento. Porto Alegre: Mediação 1999 (p. 37-58).

STACCIOLI, Gianfranco. **As Di-versões Visíveis das Imagens Infantis**. Revista Pro-posições – V.22 nº2 – maio/agosto Campinas,2011

http://pt.wikipedia.org/wiki/Jean_Dubuffet#Refer.C3.AAncias